



Ignácio e Sônia: o escritor descobriu a quituteira por acaso e transformou seu bar em atração nacional

Um futuro turístico nas PEGADAS DO PASSADO?

Procurar pegadas de dinossauros de 130 milhões de anos e degustar deliciosas iguarias são algumas dicas do escritor Ignácio de Loyola Brandão para curtir os pequenos prazeres da pacata Araraquara

Texto e fotos: Michel Gorski

O escritor Ignácio de Loyola Brandão prevê que sua terra natal, Araraquara, a 270 quilômetros a noroeste da capital paulista, ainda será famosa pelas pegadas dos dinossauros de 130 milhões de anos. A cidade já foi conhecida pelo futebol da equipe da Ferroviária – que enfrentou o Santos de Pelé – e pela pronúncia afrancesada da atriz Jacqueline Myrna no programa humorístico *Praça da Alegria*, sucesso na televisão dos anos 1960: “Arrarraquara!”. O time despencou, e Jacqueline, onde andar?

O trem imaginário de Brandão voa no tempo e no espaço. Em seu recém-lançado livro *A altura e a largura do nada*, ficção e memória araraquarenses se sobrepõem, e todos os leitores podem viajar por ambientes descritos cinematograficamente. “Mis-

turo realidade e ficção, porque toda cidade do interior é realidade e ficção, verdade e mentira, coisas inventadas e coisas existentes. Fui a Araraquara desenterrar mistérios, enigmas, personagens ocultos, histórias que corriam pela cidade, lendas”, diz o escritor.

Um desses mistérios é a presença dos dinossauros, numa época em que o clima da região era quente, quase desértico. A descoberta foi feita há décadas pelo paleontólogo José Leonardi, da Universidade Federal do Paraná, que observou os vestígios da pré-história nas calçadas da cidade. As pegadas acabaram em estruturas contemporâneas por causa da extração, desde o século 19, do arenito Botucatu (tipo de solo formado por rochas) para a construção de calçadas e guias de sarjetas, especialmente no centro histórico da cidade, em endereços conhecidos pela população local. Dada



Nas calçadas da cidade, é possível observar as marcas da pré-história

a importância da descoberta, algumas lajes foram levadas para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Brandão conta que, ao visitar o Museu Histórico da cidade e deparar com as inscrições que indicavam “pista de celussauro nas areias do deserto”, lembrou da infância. “Na escola primária, as professoras mandavam olhar as calçadas, pois havia

marcas de animais com milhões de anos. A gente olhava e não conseguia distinguir nada. Naquelas calçadas, jogávamos bolinhas de gude. Será que as caçapinhas tinham sido pisadas de um bicho pré-histórico?”



Torre do relógio: importante ponto turístico de observação da cidade

Percorrendo a “Morada do Sol”, como é conhecida Araraquara, o escritor vai apontando espaços que considera ainda mágicos e que devem ser valorizados por seus concidadãos, como subir na torre do relógio da antiga fábrica de meias Lupo (que virou shopping center) e visualizar a relação com o campo cultivado, além de perceber a rara arborização de uma cidade que necessita de muita sombra. Os aromas e ruídos se alteraram muito na cidade. Segundo ele, “o som mais marcante era o preciso horário dos apitos dos trens, que só cessavam na Semana Santa, e o cheiro da torrefação de café do final das tardes, que foi trocado pelo da laranja industrializada e pelo do vinhoto da cana-de-açúcar”. Em 1902, a população de 4046 habitantes era formada por 1859 brasileiros e 2187 estrangeiros com seus filhos. Segundo dados do ano passado, a população residente já chegou à marca de 200 mil.

Brandão adora as discretas inscrições – sem poluição visual – que contam a história da cidade, como os “reclames” nos antigos bancos das praças da Matriz e da Independência e as placas comemorativas e informativas espalhadas pela cidade, como a da estação ferroviária. “As placas deveriam se multiplicar, destacando aconteci-

mentos de cada local, como a passagem do filósofo francês Jean-Paul Sartre pela cidade na década de 1960; a criação de um dos mais famosos personagens da literatura brasileira, Macunaíma, por Mário de Andrade; a casa onde nasceu o diretor teatral José Celso Martinez Corrêa; o salão de baile onde dançava a araraquarenses e ex-primeira-dama Ruth Cardoso; sem contar que os Rolling Stones tomaram sorvetes aqui.” Mas a placa mais araraquarenses de todas é a que nomeia a rua zero. “Onde haverá outra rua numerada sem número?”, pergunta.

Fui daqui, sou daqui

Primeiro colunista social da cidade, em 1955, aos 18 anos, Brandão nunca perdeu suas referências locais, mesmo depois que saiu para o mundo, trabalhando em jornais (*Última Hora*, *Folha da Tarde* e *O Estado de S. Paulo*), revistas (*Cláudia*, *Realidade* e *Vogue*) e sempre escrevendo livros. É um dos mais aclamados escritores brasileiros, autor de mais de vinte obras – entre elas o romance *Zero*, publicado em 1975, censurado e proibido no ano seguinte –, muitos deles traduzidos para outros idiomas. E fez de sua experiência para sobreviver a um aneurisma cerebral um tocante relato no livro *Veia Bailarina*, de 1997.

Ao sugerir seus pontos preferidos para visita na cidade natal, continua atuando com humor e paixão. Antes de recomendar restaurantes já avisa: “O povo é muito pão duro e considera ofensa sair para comer. Parece que não tem comida em casa”. O resultado é que fica difícil encontrar um restaurante italiano numa cidade que reunia, em 1920, 500 italianos entre os 630 comerciantes registrados. Dos locais já tradicionalmente destacados, o escritor indica o Parque Ecológico do Basalto, a Igreja de Santa Cruz, o Hotel Fazenda Salto Grande e as lajes de calçamento do Parque Infantil, um dos locais onde se podem observar as pegadas pré-históricas. “Importante mesmo é bus-

car sempre um novo local para ver o nosso excepcional pôr-do-sol.”

Sítio do Pio Corrêa – O local onde Mário de Andrade passava férias de verão hoje está dentro da cidade e tornou-se o Centro Cultural Professor Waldemar Saffioti, sob a responsabilidade da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp). “Dizem que para escrever *Macunaíma*, Mário tinha de se trancar no banheiro, pois a mulher do primo, que o acolhia, era muito chata”, conta. “Deveriam colocar uma placa comemorativa no banheiro”, completa.



Conjunto arquitetônico do centro

Antigamente, era formado pela antiga igreja matriz, pelo Teatro Municipal, Clube Araraquarenses e Hotel Municipal, mas só os dois últimos restaram, agora tombados. “Essas edificações maravilhosas que ainda estão de pé foram projetadas pelo engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Macha-



● ● turista na sua cidade

do, que ficou famoso escrevendo na década de 1920 sob o pseudônimo de Juó Bananere, num dialeto dos imigrantes italianos da cidade de São Paulo”, comenta Ignácio. O Hotel Municipal, construído em 1919 pela municipalidade para abrigar visitantes ilustres, foi restaurado, está aberto ao público e merece ser apreciado. Já o Clube Araraquarense, de 1925, que sempre foi de uso exclusivo dos associados, está sendo transformado em equipamento público.



Museu Histórico – Na praça Pedro de Toledo, um respeitável casarão do século 19 que reunia a antiga Casa de Cadeia e a Câmara Municipal agora abriga uma coleção de objetos, apresentados de forma bem antiquada. O museu teve grande destaque recentemente por causa da

montagem da exposição temporária com os vestígios e pistas de pegadas fósseis em Araraquara. “Esse material que foi base para outras importantes exposições, inclusive na Oca do Parque do Ibirapuera, em São Paulo, merece um espaço permanente na cidade”, afirma o escritor, já sonhando com a transformação turística da cidade.

Praça da Independência – Passear por ela, especialmente nos finais de tarde, é uma das predileções do escritor: “A primeira praça da cidade foi inaugurada em 1º de janeiro de 1889. Era o passeio público, onde ocorria o 'footing' nos finais de semana. Ler os anúncios publicitários antigos ainda conservados nos bancos é um prazer à parte. Na lateral dessa praça fica a rua Cinco, atual Voluntários da Pátria, tão sombreada por oitis que fica escuro de dia”.

Sabores da cidade – A culinária local é algo que Ignácio de Loyola Brandão faz questão de destacar. “Não se deve passar pela cidade sem comer um bauru no Reibar, as coxinhas em Bueno de Andrade (*veja box*), o quebra-queixo nos carrinhos de rua e, principalmente, o sorvete de creme suíço da sorveteria Kawakami, por onde, segundo dizem, passaram os Rolling Stones, quando estiveram hospedados em Matão.” Para comer de verdade, sentado em mesa, as preferências são “o bolinho de bacalhau do Velho Armazém e os pratos especiais do Bistrô 1900, na pequena casa de fachada art déco, da rua Seis”.



CITY TOUR E ATRAÇÕES ESPECIAIS

“Um city tour pela cidade é o primeiro produto turístico de Araraquara”, define, com orgulho, Eduarda Escila Ferreira Lopes, coordenadora do curso de Turismo com ênfase em Hotelaria do Centro Universitário de Araraquara (Uniara). “O roteiro percorre as ruas da cidade levando o turista a conhecer alguns de seus principais marcos históricos, culturais e ecológicos”, completa.

O city tour já é bem conhecido na região, afinal mais de 27 mil pessoas, especialmente alunos da rede escolar, já participaram dos 650 passeios realizados desde 2001, quando foi implantado por alunos e professores do Núcleo de Atividades Turísticas do Uniara.

O programa, também realizado em inglês e espanhol, é um ciclo prático de formação dos turismólogos locais, tanto que Nádia Pizzolitto, atual coordenadora do city tour, foi monitora do programa quando era universitária. “O turismo em Araraquara é de negócios e eventos, mas é o reconhecimento e a valorização pela população do

seu patrimônio histórico e cultural que criará um melhor ambiente urbano na cidade”, conclui Eduarda.

Além dos produtos turísticos já criados, a cidade oferece uma atração imperdível, e descoberta de maneira inesperada: o Bar e Merceria Freitas. Localizado no pequeno distrito de Bueno de Andrade, distante 12 quilômetros de Araraquara, o local ficou famoso pelas mãos (e textos) de Ignácio de Loyola Brandão. Em 2001, de passagem pelo local, Ignácio decidiu entrar para beber algo. Nunca mais deixou de visitar o local e ainda o transformou em *point* na região ao publicar, em sua crônica semanal no jornal *O Estado de S. Paulo*, a experiência da degustação de saborosas coxinhas feitas pela dona Sônia. Desde então, há fila todo final de semana para comprar as iguarias.

Para saber mais

Visite Araraquara

www.visiteararaquara.com.br